



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GEOGRAFIA:
UMA ANÁLISE SOBRE TEORIA, MÉTODO E ABORDAGEM GEOGRÁFICA**

Marcos Pedro da Silva
Universidade Federal de Goiás
marcos.prof.geoambiental@gmail.com

Miriam Aparecida Bueno
Universidade Federal de Goiás
miriam.cerrado@gmail.com

Resumo: Este estudo em sua premissa pretende fazer uma análise sobre a Formação a Continuada de Professores em Geografia no contexto da pesquisa científica. Primeiro dialogou sobre teoria, método e a abordagem metodológica com ênfase ao materialismo histórico dialético e a Geografia Crítica. Na sequência realizou-se uma análise de três livros que trata da Formação de Professores, dois em Geografia, os resumos do 14º – Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia - ENPEG, no que concerne a “Políticas de Formação de Professores e o Ensino de Geografia”, especificamente. Como metodologia utilizou de revisão teórica, de pesquisa bibliográfica e documental. O estudo demonstrou que a Geografia se apropria de vários métodos, abordagens geográficas e metodológicas no construto do pensamento geográfico, portanto, existe uma pluralidade teórico-metodológica, assim como disputa interna e diálogo pela unicidade geográfica, enquanto ciência, ainda que ocorra uma prevalência do método dialético e da abordagem crítica e pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Teoria; Método; Formação; Professores.

Introdução

Este estudo objetivou realizar uma análise da pesquisa científica no contexto da Formação Continuada de Professores em Geografia, considerando a teoria, o método e a abordagem metodológica, com ênfase ao materialismo histórico e dialético e a Geografia Crítica.

Com perspectiva de problematizar a temática da pesquisa de doutorado e fundamentar a escolha do método e da abordagem geográfica, realizou uma revisão teórico-metodológica que perpassou pela dialética marxista, positivismo, neopositivismo e fenomenologia, assim como pela Geográfica Crítica, Geografia Tradicional, Nova Geografia e Geografia Humanista.

Como parte da metodologia, analisou-se três livros que trata da Formação de Professores, dois em Geografia, os resumos do 14º – Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia - ENPEG, no que concerne a “Políticas de formação de professores e o Ensino de Geografia”, especificamente. A metodologia constituiu ainda, de revisão teórica, de pesquisa bibliográfica e documental.

O texto está dividido em três partes. A primeira aborda uma análise em torno da teoria, do método e da abordagem geográfica. E, uma outra, que procurou fazer uma discussão teórico-metodológica a respeito da Formação Continuada de Professores em Geografia.

Teoria e Método em Geografia

É indiscutível a importância da ciência em sua relação com a teoria, método e metodologia, pois no contexto do pensamento científico, a pesquisa, base científica, se desenvolve, confirma e refuta hipóteses, aproxima resultados da realidade, a partir de problematizações, observações, procedimentos metodológicos e análises.

O pensamento científico recai sobre a ideia epistêmica enquanto pluralidade crítica capaz de demonstrar que o fazer da ciência é produto histórico e contextual, portanto razão da existência da ciência. Essa ideia contrapõe justamente o método puro e único, pautado inicialmente no positivismo (GOMES 2009, p. 14).

A ciência se estrutura por meio do fazer científico, tendo o objeto, o método e a abordagem metodológica como base para compreender, analisar, problematizar e pensar o mundo. Os resultados configuram a produção do conhecimento científico, na Geografia, do conhecimento e pensamento geográfico.

Na perspectiva de Santos (1996) o método é essencial, pois possibilita a construção de um sistema intelectual que, analiticamente, permite abordar uma realidade, segundo um determinado ponto de vista. Nesse aspecto, a realidade social passa ser construída intelectualmente e o método, um caminho e uma forma de analisar uma realidade (BORGES, 2012; SPOSITO, 2004).

Souza (2013) entende o método como forma de chegar à teoria e essa como sendo algo mais acabado, um todo mais coerente, o que leva a compreensão da essencialidade do método para pesquisa científica. Assim a teoria constitui-se fonte de pensamento, tão logo não existe pensamento sem teoria. A partir da teoria problematiza-se o mundo em sua complexidade, de tal modo que, para se analisar e posicionar no mundo, necessita-se, apropriar-se de uma base teórica. A teoria pode ser compreendida como uma estratégia política e necessária de interpretar, compreender, pensar, analisar e problematizar o mundo, portanto, o espaço geográfico em sua totalidade, considerado aspectos interdependentes, conectados, interligados, em todas suas dimensões.

A discussão da epistemologia, na Geografia, aparece no contexto da ciência moderna, nos anos 70, reconhecendo-a como uma ciência viva e dinâmica, aberta e plural, como afirma (GOMES, 2009. p. 14). Constitui-se a Geografia, uma ciência do diálogo aberto ao conflito de ideias na construção do conhecimento geográfico (AMORIM FILHO, 1985).

Na esteira dos métodos a Geografia se associou ao positivismo que influenciou teórica e metodologicamente o desenvolvimento de estudos e pesquisas, sobretudo no campo da Geografia Física. Este método entende que o objeto e os fenômenos prevalecem sobre o sujeito, em que o real é descrito ou até mesmo refutado por meio de deduções e hipóteses (SPOSITO, 2004; ETGES, 2009).

A Geografia também se apropriou do método dialético por meio de uma abordagem crítica pautada na orientação do materialismo histórico para buscar explicar os fenômenos e objetos, considerando as relações contraditórias entre sujeito e objeto. Contradições entendidas como fundamentos para analisar as mudanças e transformações sociais no espaço geográfico.

Sposito (2004, p. 39) ao afirmar que o método dialético “procede pela refutação das opiniões do senso comum, levando-as à contradição, para se chegar à verdade, fruto da razão”, pretende dar a ele, caráter de instrumento investigativo da verdade, pautado na a pedagogia do diálogo, para se chegar a realidade e lógicas das coisas ou conjunto de coisas, ou seja, dos objetos e fenômenos, no espaço geográfico.

Modo de produção, formação socioeconômica e espaço como categorias interdependentes, transformações e contradições, essência e aparência dos objetos e fenômenos, visão da totalidade, conhecimento histórico e político, assim como, consciência

crítica, constituem os principais problemas de investigação desse método, bem como da Geografia Crítica (SANTOS, 2014; CAMARGO E ELESBÃO, 2004).

A Geografia, também utiliza do método fenomenológico, uma forma de pensar, que trata da sobreposição do sujeito sobre o objeto a partir da concepção do próprio sujeito. Um método subjetivo crítico de explicar a realidade, que procura romper com o idealismo, realismo, positivismo e materialismo objetivo. Baseia-se no eu pensante, no modo de ser, no desvelar-se, no agir do humano, em suma, no existencialismo, tendo o fenômeno como manifestação plena de sentido (SPOSITO, 2004).

A fenomenologia utiliza da subjetividade, do empirismo, da percepção, do imaginário, valorização da experiência vivida. Entende que o fenômeno consiste em “tudo que é percebido pelos sentidos e pela consciência”, como corrobora Moreira (2002, p. 64 apud BORGES, p. 9). Assim “não é apenas a representação do objeto, possui natureza própria”.

No contexto dos métodos, Geografia, primeiro fundamentou-se como Geografia tradicional, de base positivista, em que foi considerada, ciência de síntese (BORGES, 2012). Para Camargo e Elesbão (2004), essa abordagem geográfica valeu-se do empirismo, da descrição do meio, principalmente por meio da observação da paisagem, tendo o trabalho de campo como procedimento metodológico. Portanto configurava-se Geografia essencialmente descritiva, pois mesmo apropriando do método científico, não conseguia formular hipóteses, fazer indução, experimentação, generalizar resultados, estabelecer teorias.

No movimento de renovação da geografia e do pensamento geográfico, emergiu a Nova Geografia com base no método científico, com abordagem procedimental maciçamente técnica, com base na matemática, estatística e observação sistêmica. De embasamento neopositivista, procura levantar e testar hipótese, realizar experimentação, generalizar os dados, para chegar a leis e teorias, principal finalidade, para dar cientificidade a Geografia e para que esta fosse reconhecida como ciência, onde o espaço passa a ser considerado relativo (BORGES, 2012; CAMARGO E ELESBÃO, 2004; GOODSON, 1990; ETGES, 2009).

Diante dos problemas emanados na Nova Geografia, surge a Geografia Crítica e ganhou campo, o pensamento marxista, o que deu novo significado a Geografia e o pensamento geográfico. Esta nova orientação rompeu com a ideia de neutralidade social positivista e neopositivista, preocupada em problematizar as injustiças sociais e com os problemas político-ideológicos, tendo em vista, uma sociedade mais justa e humana,

considerando o espaço como unidade e totalidade da vida social (CAMARGO e ELESBÃO, 2004; SANTOS, 2014).

A Geografia Crítica, por meio do materialismo histórico e dialético, compreende que o mundo deve ser entendido em sua dinâmica histórica e contraditória, vez que os objetos sofrem com a força da ação humana, do trabalho humano, no espaço geográfico em sua totalidade, compreendendo as dimensões, social, econômica, política e cultural. Pensa a análise dos objetos, portanto, considerando a objetivação humana e de sua própria natureza ou seja, não existe uma relação estanque, mas sim dotada de sentidos e significados sujeito e objeto (SANTOS, 1996, 2014; AMORIM FILHO, 2007).

A Ciência Geográfica com base na fenomenologia constitui-se também como Geografia Humanista, que trabalha com a valorização científica da experiência do sujeito e/ou de grupo destes. Concerne ênfase na compreensão do comportamento e do sentimento, a partir da percepção da identidade cultural presente no espaço, no território, no lugar. Assim, o pensamento geográfico a partir da fenomenologia, pauta-se nas representações espaciais, considerando o sujeito ambientado, seja no território, seja no lugar (SPOSTO, 2004; AMORIM FILHO, 2007; CAMARGO e ELESBÃO, 2004).

Para Camargo e Elesbão (2004, p. 15) os estudos da fenomenologia conotam outra perspectiva de análise do espaço geográfico, vez que consideram a visão de mundo, a experiência de vida, os aspectos mais subjetivos dos sujeitos, procurando evidenciar as emoções, os sentimentos, desejos e fobias em relação a esse espaço.

Percebe-se que a Geografia comumente utiliza o positivismo, o neopositivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico e dialético, em seus estudos e pesquisas, associando-os as suas abordagens geográficas e suas categorias de análises, considerando a influência dos paradigmas teórico-científicos, de cada tempo histórico.

Portanto não existe método puro na materialização da Ciência Geográfica, tão pouco uma sobreposição, o que implica apropriar-se dos mesmos, por meio da concepção teórica e da compreensão de mundo, que se possui, sem fechar-se nela. E a partir da definição dos objetos e fenômenos, defini-los e utilizá-los, para assim, pesquisar, analisar, problematizar o espaço geográfico e produzir novos conhecimentos, leis e teorias, para continuar ampliando o pensamento geográfico, a epistemologia dessa ciência mágica, deslumbrante e fascinante que é a Geografia.

Discussões e Resultados na Formação de Professores em Geografia

Compreende-se, portanto, que a definição do método deve embasar-se no objeto de estudo, mas que este deve estar inserido no contexto dos métodos de análise da Geografia, dos fenômenos geográficos, o que corrobora ser de extrema importância a adoção de um método para a produção humana do conhecimento geográfico, como verdade científica, para uma maior aproximação da realidade.

Corrobora Moraes, (2016, p. 9), que existem,

[...] algumas pesquisas preocupadas em entender os processos sociais que intervêm na dimensão espacial, transformando os lugares. Outras procuram compreender a dialética das forças que atuam no espaço, promovendo interação, resistência, confronto. E há ainda as que buscam entender como cada pessoa, inserida em uma comunidade, tem sua própria representação do espaço e interfere nele de acordo com suas concepções.

Obviamente, não se tem a pretensão de dar resposta precisa e esgotar essa discussão, mas apenas propiciar o diálogo sobre os construtos teórico-metodológicos na Formação Continuada de Professores em Geografia.

A corroboração de Moraes (2016) introduz uma pluralidade de tendências de estudos e pesquisas geográficas contidas no livro “Formação e Docência em Geografia”, e demais analisados, apontando que diferentes linhas teórico-metodológicas são apresentadas.

A partir do estudo, observou-se que no livro intitulado acima, a maioria dos textos não aborda de forma específica, ou seja, não demarca o método, assim como a abordagem geográfica e metodológica. Em 23 (Vinte e três) textos analisados, em apenas 09 (nove), tem-se a marca definida do método, como aparece em Francischett (2016, p. 157 e 158) “[...] sendo assim, e com aporte no materialismo histórico dialético, cabe [...]”. Dos quais 05 (cinco), confere uma abordagem do método dialético. Foi possível identificar uma forte presença da abordagem metodológica crítica e qualitativa, apesar não de estar explícita e pautada, mas contextualizada em diversos procedimentos metodológicos.

Mas também, 02 (dois) outros métodos de bases teórico-metodológicas não discutidas anteriormente, neste texto. Isso evidencia que a Ciência Geográfica se apropria de outros métodos e abordagens ao trabalhar temáticas voltadas a Formação de Professores em Geografia, que não os/as mais comumente salientados, não se limitando a Nova Geografia, a Geografia Crítica, Geografia Cultural e Humanista e, seus respectivos métodos.

A citar, o método do pensamento complexo de Edgar Morin; o autobiográfico, com base em narrativas, onde o relato das práxis constitui principal fonte de diálogo com a teoria geográfica na construção do pensamento geográfico, considerando a subjetividade (BUENO, 2002).

Em se tratando do complexo, com base em Moreira (2009), ao tratar da relação homem-meio, entende-se que a Geografia se configura um todo complexo organizado em redes, um ecúmeno de complexos, naturais, humanos e de ambos inter-relacionais e interdependentes.

Retomando a análise do livro “Formação e Docência em Geografia”, destaque para o texto, “As Linguagens Geográficas: o de fora, o corpo e o aluno”, de Ferraz e Nunes que apresenta críticas aos métodos “convencionais” utilizados pela Geografia, compreendendo-a como sendo,

[...] um conhecimento que não se restringe ao seu caráter convencionalizado, mas se dá no encontro da vida [...]. o acontecer da sobrevivência de cada corpo com seu entorno [...]. Não é algo distante, mero recorte de teorias, conceitos hipóteses científicas (FERRAZ E NUNES, 2016, p. 242).

Para esses autores, a Geografia, oficial contribuiu para elaborar uma série de ideias e representações do mundo e se esqueceu de que o conhecimento geográfico pode ser identificado a partir da vida real das pessoas.

Tratando de Narrativas Geográficas Chaveiro (2015, p. 174) aborda que “raras vezes a Geografia é entendido como um dizer”. Para esse autor, resultados de estudos e pesquisas e outros trabalhos no campo da Ciência Geográfica, “se efetivam em mensagens, textos, dizeres. São narrativas geográficas”. Portanto a Geografia se funda como narrativa que produz sentido, comunica, gera personalidade no interior do campo acadêmico e científico.

Nesse construto das críticas aos métodos e abordagens a Geografia, cabe ressaltar o entendimento de Nogueira (2016), que reconhece o importante papel da abordagem crítica na discussão sobre a transformação social, mas considera que no tocante ao ensino, ficou limitada ao denunciamento das mazelas sociais produzidas pelo sistema capitalista.

Nos outros (02) dois livros analisados (“Formação de Professores: Múltiplos olhares” e “Formação de Professores de Geografia: Diversidade, Práticas e Experiências”), verificou-se que em apenas 04 (quatro) textos, de um total de 19 (dezenove), o método vai aparecer mais claramente, somente, em 02 (dois), trazendo a discussão da fenomenologia, destes, 01

(um) na Educação de adolescentes Jovens e Adultos; outros 02 (dois) com aporte teórico no materialismo teórico e dialético e na Geografia Crítica. E, que poucos textos explicitam a abordagem metodológica e a maioria, ficam na apresentação dos procedimentos metodológicos, considerando a abordagem metodológica qualitativa e alguns procedimentos apresentam (BEZERRA, 2015; ARAÚJO, 2015).

A análise dos resumos apresentados no 14º ENPEG, no que concerne a Políticas de Formação de Professores e o Ensino de Geografia, demonstrou que Residência Pedagógica, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID e Estágio Supervisionado, constituem as temáticas que mais apareceram. E que, dos 25 (vinte e cinco), analisados, todos apresentam metodologia qualitativa, mas a questão do método e da abordagem geográfica não aparecem, mas como não se analisou os textos completos, fica difícil afirmar se estão presentes ou não (STRAFORINI, CANTO, AMORIM, 2019).

Nogueira (2016, p. 196) discorre que “atualmente não existe um pensamento único na Geografia, ou seja, os estudos da Geografia não se fundamentam em uma única teoria”. O que não desconstrói a importância da mesma e sim afirma a necessidade de debater ainda mais sobre unicidade da Ciência Geográfica, levando em consideração o diálogo entre as teorias, os métodos, abordagens e procedimentos.

Considerações Finais

Diante desse breve estudo sobre a teoria, método e a abordagem metodológica, que perpassou brevemente pelos métodos mais empregados na Geografia, considera-se que esta Ciência apropriou-se, ao evoluir do Positivismo e da Geografia Tradicional, de três grandes orientações teórico-metodológicas: a Nova Geografia, associada ao Neopositivismo; a Geografia Crítica, embasada no Materialismo Histórico e Dialético; a Geografia Humanista, vinculada a Fenomenologia.

A evolução do pensamento epistemológico geográfico conferiu críticas a todos esses métodos e abordagens geográficas, com perspectiva de modernização da Geografia, em um movimento de debates, sobretudo a partir de meados do século XX, que proporcionaram avanços significativos para seu reconhecimento enquanto Ciência.

Entende-se que esse movimento, compreendido em suas críticas, contribuições e

contradições, propiciou aproximações, distanciamentos, entre a Geografia Física e Humana, mas em especial, permitiu o deslocamento para uma discussão contemporânea em torno da unicidade e da pluralidade da Ciência Geográfica. O que abre e amplia as possibilidades teórico-metodológicas no campo da pesquisa e do ensino.

Nesse construto, o estudo demonstrou que a Geografia, no contexto da Formação de Professores se apropria ao Neopositivismo, sobretudo, ao Materialismo Histórico e Dialético, mas também da Fenomenologia. E, que outras concepções teórico-metodológicas têm ganhado espaço no movimento plural da pesquisa e construção contínua do pensamento geográfico e da Ciência Geográfica.

Considera-se que a Geografia enquanto Ciência busca a totalidade, a pluralidade e unicidade e, “tudo isso, junto e misturado”, contribuem com a construção do pensamento geográfico a partir do olhar que se permite para o objeto e/ou fenômeno, no espaço geográfico. Que a teoria geográfica, o método, a abordagem metodológica, enquanto campo, constitui-se na disputa interna na Geografia, sem que isso a fragmente totalmente, e a fortaleça como Ciência Una e Plural. Tudo é Geografia, portanto, dialogar é preciso.

Assim, considera-se que existe uma pluralidade do emprego do método e da abordagem geográfica. E que a abordagem metodológica qualitativa, é predominante no que implica estudos e pesquisas sobre a Formação de Professores em Geografia, mas longe de ser absoluta.

Referências

- AMORIM FILHO, O. B. A. A pluralidade da Geografia e as Abordagens Humanistas / Culturais. In KOZEL, S; SILVA J. da C. GIL FILHO, S. F. **Da percepção & Cognição à Representação: Construções teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** – São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- ARAÚJO, M. de B (org). **Formação de Professores: Múltiplos Olhares.** Niterói, RJ: Edulf, 2015, p. 235p.
- BEZERRA, A. C. A; LOPES, J. J. M; FORTUNA, D. **Formação de Professores de Geografia: Diversidade, Práticas e Experiências.** Niterói, RJ, Edulf, 2015, p. 300.
- BORGES, J.A. Os enfoques e os olhares do geógrafo: uma abordagem metodológica sobre método, metodologia e técnicas de pesquisa. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.7, n.19, p. 02-21, jun. 2016.
- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- STRAFORINI, R; CANTO, T. S do; AMORIM, R. R. **Caderno de Resumos do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: Políticas, linguagens e trajetórias.** 1

- ed, Campinas, SP: Traço Publicações e Design, 2019.
- CAMARGO; J. C. G; ELESBÃO. I. O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 06, 2004.
- CHAVEIRO, E. F. Dizibildades Literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Revista Geograficidade**, v.5, n1 – Niteroi, RJ, 2015.
- ETGES, V. E. A contribuição de Alfred Hettner à Geografia. In: **Espaço e Tempo** – Complexidade e desafios de pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Ademadan, 2009, p. 135-148.
- FERRAZ, C. B. O; NUNES, F. G. Linguagens Geográficas: o de fora, o corpo e o aluno. In: FRANCISCHETT, M. N. **Formação de Professores nos espaços das práticas pedagógicas**. In: PORTUGAL, F. J; OLIVEIRA, S. S. de; Ribeiro, S. L. Formação e Docência em Geografia: Narrativas, Saberes e Práticas. Salvador: EDUFRA, 2016.
- GOMES, P. C. da C. Um lugar para a Geografia: conta o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F. et al. **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (Ademadan), 2009. p. 13-30.
- GOODSON, I. **Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução**. Teoria e Educação, Porto Alegre: Pannônica, n.2, p. 230-254, 1990.
- MORAIS, J. V. de. Prefácio. In: PORTUGAL, F. J; OLIVEIRA, S. S. de; Ribeiro, S. L. **Formação e Docência em Geografia: Narrativas, Saberes e Práticas**. Salvador: Edufra, 2016.
- MOREIRA, Ruy. As formas da geografia e do geógrafo no tempo. In: **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-22.
- _____. Da espacialidade ao espaço real: o problema da teoria geral a propósito do simples e do complexo em Geografia. In: **Espaço e Tempo** – Complexidade e desafios de pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Ademadan, 2009, p. 121-134.
- NOGUEIRA, A. R. B, O ensino de Geografia e os Desafios para uma abordagem cultural e humanística. In: PORTUGAL, F. J; OLIVEIRA, S. S. de; Ribeiro, S. L. **Formação e Docência em Geografia: Narrativas, Saberes e Práticas**. Salvador: EDUFRA, 2016.
- OLIVEIRA, A. U de (org). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9 ed, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **Espaço e método**. São Paulo: Edusp, 2014;
- _____. **Do Totalidade ao Lugar**. 1 ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Edusp, 2014.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**. Contribuições para o ensino do pensamento Geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.